

## OS TIPOS DE AVALIAÇÕES E SUAS FUNÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Késsya Ingrid Rodrigues Queiroz <sup>1</sup>  
Juliana Késsia Vieira Regis<sup>2</sup>  
Emanuelle Alves da Silveira <sup>3</sup>  
Marcos Adriano Barbosa de Novaes <sup>4</sup>

### RESUMO

A prática docente é uma atividade movida por objetivos e propósitos prontamente estabelecidos e traçados. A avaliação surge como uma ferramenta que possibilita saber se os objetivos almejados estão ou não sendo alcançados e como um importante instrumento na construção do conhecimento e desenvolvimento da aprendizagem. Sua utilização possibilita mais conhecimento em relação à prática de ensino e a construção da aprendizagem. O presente artigo tem como objetivo compreender o que é a avaliação e, em específico, verificar suas funções; somática, diagnóstica e formativa; desempenhadas por meio do processo avaliativo em meio ao ensino e aprendizagem. Destarte, a investigação foi realizada mediante procedimento bibliográfico, cuja abordagem é qualitativa, integrado com o referencial teórico: Libâneo (1998), Luckesi (1998), Veiga (2004), Haydt (2011), entre outros. Cada uma dessas tipologias supracitadas desempenham funções específicas neste processo; como identificação das deficiências da aprendizagem, função classificatória e verificação de conhecimentos prévios. No cenário educacional a avaliação já está fixada no currículo e assume tipologias e funções específicas dentro o processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Avaliação. Somativa. Diagnóstica. Formativa. Ensino-aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

O início da educação no Brasil aconteceu por intermédio da chegada dos jesuítas. Eles trouxeram o hábito de avaliar através de provas e exames, cujos métodos priorizavam a memorização e o raciocínio, validando o conhecimento adquirido pelo aluno concordante aos conteúdos que lhes foram propostos.

Os jesuítas foram os principais educadores de quase todo o período colonial, atuando no Brasil, de 1549 a 1759.(...) A tarefa educativa estava voltada para a catequese e a instrução dos indígenas; entretanto, para a elite colonial, outro tipo de educação era oferecido. (VEIGA, 2004, p. 33-34).

Os jesuítas utilizavam como plano de instrução o Ratio Studiorum, documento que tinha como finalidade libertar o homem do pecado, forma-lo no ensino universal e humanista.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [kessya.ingrid@aluno.uece.br](mailto:kessya.ingrid@aluno.uece.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [juliana.kessia@aluno.uece.br](mailto:juliana.kessia@aluno.uece.br);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará-UECE, [emanuelle.alves@aluno.uece.br](mailto:emanuelle.alves@aluno.uece.br);

<sup>4</sup> Mestre em Educação e Ensino, docente do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [marcos.novaes@uece.br](mailto:marcos.novaes@uece.br);

O método pedagógico dos jesuítas ficou historicamente conhecido como pedagogia tradicional, o qual desvinculava o aluno da realidade concreta, visando apenas a reprodução das informações apresentadas. Assim, a relação professor-aluno acontecia de forma hierárquica e vertical, tendo o professor como centro da educação e detentor do conhecimento. “A ação pedagógica dos jesuítas foi marcada pelas formas dogmáticas de pensamento, contra o pensamento crítico. Privilegiava o exercício da memória e o desenvolvimento do raciocínio” (VEIGA, 2004, p.34).

Atualmente, a educação ainda se mostra bastante conservadora. Estando a pedagogia tradicional presente nas práticas educativas restringindo o processo avaliativo a coleta de informações sem qualquer ligação com a vida prática do aluno. Dessa forma, os alunos se preocupam apenas com a aprovação e a reprovação, uma vez que a escola/docente não propõe a relação crítica do conteúdo a sua realidade.

Neste ínterim, é fundamental compreender que o processo de ensino não se dá de forma assistemática, desestruturada e desvinculada à realidade social do educando. Sua atividade considera uma série de fatores e práticas, que juntos atuam para o desenvolvimento e construção da aprendizagem dos alunos. De acordo com Libâneo (1998, p. 79), o ensino é:

[...] um processo, ou seja, caracteriza-se pelo desenvolvimento e transformação progressiva das capacidades intelectuais dos alunos em direção ao domínio dos conhecimentos e habilidades, e sua aplicação. Por isso, obedece a uma direção, orientando-se para objetivos conscientemente definidos; implica passos gradativos, de acordo com critérios de idade e preparo dos alunos.

A avaliação foi entendida por muito tempo como meio para medir ou testar o nível de aprendizagem, classificação e promoção do aluno, de uma série para outra ou de um grau para outro. Fazendo-nos refletir a predominância da pedagogia tradicional existente, uma vez que esta visava a transmissão e acumulação de conhecimentos.

Por conseguinte, no contexto do escolanovismo, nos anos 1930 esse cenário se modificou, na perspectiva que este movimento recomendava solucionar os problemas educacionais em uma perspectiva interna da escola, percebendo o educando “como ser dotado de poderes individuais, cuja liberdade, iniciativa, autonomia e interesses devem ser respeitados” (VEIGA, 2004, p.38).

Em consonância, a avaliação que antes desempenhava as funções de selecionar, classificar e promover o aluno adquiriu novas dimensões e novas funções, uma vez que, essa se propôs a diagnosticar e verificar o quanto os objetivos propostos pela aprendizagem foram atingidos. Veiga (2004, p.38) apud Candau (1982, p.22), os métodos e as técnicas mais

difundidos pela didática renovada são: “centros de interesse, estudo dirigido, unidades didáticas, métodos dos projetos, a técnica das fichas didáticas, o contrato de ensino, etc. (...)” Essas mudanças contribuíram para repensar e refletir sobre o conceito e as funções desempenhadas pela avaliação na ação pedagógica, enquanto componentes do processo de ensino-aprendizagem.

Como prática comum nas instituições de ensino, como afirma Luckesi (1996, p.21) “De fato, a nossa prática educativa se pauta por uma pedagogia de exame. Se os alunos estão indo bem nas provas e obtêm boas notas,”. Em conformidade, Cruz 2014 apud Bloom (1993) a avaliação do processo ensino-aprendizagem, apresenta três tipos de funções: diagnóstica (analítica), formativa (controladora) e somativa (classificatória). Logo, cada modalidade desempenha um papel específico no processo ensino-aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

Na íntegra desse estudo que tem por objetivo compreender o que é a avaliação e mais especificamente verificar as funções desempenhadas pelos processos de avaliação somativa, diagnóstica e formativa dentro do processo de ensino-aprendizagem, integram o referencial teórico Libâneo (1998), Luckesi (1998), Veiga (1984), Piletti (1985), Haydt (2011), entre outros. A presente pesquisa é um estudo de caráter bibliográfico qualitativo, uma vez que se propõe a discutir criticamente os tipos de avaliações mais comuns na realidade escolar.

## **DESENVOLVIMENTO**

Ensinar e aprender são termos constantemente utilizados no ambiente educacional, entretanto, sem compreender-los como um processo interligado. Assim, as definições encontradas nos dicionários são meras sinonímias ou redundâncias. É nesta perspectiva que Freire (1971) define uma “concepção bancária” de ensino. Partindo dessa premissa, compreende-se o professor como quem ensina e o aluno como quem aprende.

Logo, as avaliações de aprendizagem ganharam espaço no sistema educacional desde as contribuições do método de ensino jesuítico no período colonial. Portanto, a avaliação aparece como caminho para verificar se os objetivos propostos foram ou não alcançados. Segundo Piletti (1985):

A avaliação não é um fim, mas um meio. Ela é um meio que permite verificar até que ponto os objetivos estão sendo alcançados, identificando os alunos que necessitam de atenção individual e reformulando o trabalho com a adoção de procedimentos que possibilitem sanar as deficiências identificadas. (PILETTI 1985, p. 190).

O ato avaliativo não se constitui como fim, mas como meio pelo qual se colhe informações relativas ao processo ensino-aprendizagem. É através da sua prática que o professor desenvolve um olhar mais diligente em relação ao desenvolvimento e ao aprendizado dos alunos, detectando as dificuldades enfrentadas por cada um e desenvolvendo procedimentos de modo a sanar as deficiências constatadas. Conforme Haydt (2011, p. 216)

A avaliação da aprendizagem do aluno está diretamente ligada à avaliação do próprio trabalho docente. Ao avaliar o que o aluno conseguiu aprender, o professor está avaliando o que ele próprio conseguiu ensinar. Assim, a avaliação dos avanços e dificuldades dos alunos na aprendizagem fornece ao professor indicações de como deve encaminhar e reorientar a sua prática pedagógica, visando aperfeiçoá-la. É por isso que se diz que a avaliação contribui para a melhoria da qualidade da aprendizagem e do ensino. (HAYDT 2011, p. 216)

A avaliação assume um caráter duplo, pois, não somente fornece ao professor, informações referentes à aprendizagem dos alunos, como também relacionadas ao seu trabalho. E ao avaliar o nível de aprendizagem do aluno, o docente deve atribuir juízo de valor às suas práticas pedagógicas, pois o conhecimento sobre os avanços e as dificuldades dos alunos torna-se uma ferramenta que redireciona e reorienta o professor.

Diante as muitas alterações no cenário educacional os métodos avaliativos foram repensados e se tornaram objeto de estudo, de modo a justificar a necessidade da prática avaliativa no sistema educativo. Atualmente a avaliação é executada de forma conflituosa com a democratização educacional, porque não garante a permanência do aluno no ambiente escolar. Desta forma, a avaliação escolar que dá suporte ao docente organiza-se em três categorias, como cita Bloom.

A avaliação somativa é uma das modalidades avaliativas no processo de ensino. Tendo uma função classificatória, isto é, de rotular o estudante em níveis de aproveitamento. Eventualmente atribuindo ao aluno uma aprovação ou reprovação letiva. Nesse sentido Haydt (2011):

Quando a avaliação é utilizada com o propósito de atribuir ao aluno uma nota ou conceito final para fins de promoção, ela é denominada avaliação somativa. Este tipo de avaliação tem função classificatória, pois consiste em classificar os resultados obtidos pelos alunos ao final de um semestre, ano ou curso, tendo por

base os níveis de aproveitamento preestabelecidos. A avaliação somativa supõe uma comparação, porque o aluno é classificado de acordo com o nível de aproveitamento e rendimento atingido, geralmente em comparação com os colegas, isto é, com a classe. (HAYDT 2011, p. 221)

Podemos compreender que essa modalidade de avaliação tem a função de calcular em um determinado período, a aprendizagem do aluno de acordo com os conteúdos que já foram pré-estabelecido, reduzindo o conhecimento do aluno e as alternativas de avaliação do professor, apenas a um número.

Podemos inferir que a avaliação somativa é executada muito mais como um instrumento de mensuração, do que como um aparato de construção do conhecimento. Construindo um processo segregativo dentro do espaço escolar e gerando assim uma exclusão, pois aqueles alunos que não conseguem atingir os objetivos propostos são excluídos e ficam à margem do processo de ensino-aprendizagem.

Sendo o objetivo principal da educação a inclusão e a democratização do ensino, é preciso que não se detenha somente a modalidade de avaliação somativa como único meio de considerar o desempenho do aluno.

É necessário considerar que cada indivíduo se desenvolve e aprende de forma diferente, para assim repensar suas práticas avaliativas e não cometer injustiças. Logo, é importante que haja mobilização e sensibilização dos professores; resultantes em dinâmicas mais ricas, atividades coletivas, etc. A partir da utilização de métodos alternativos a escola e seus docentes tornam a avaliação essencialmente equitativa para o aluno.

Como uma segunda variedade avaliativa, conforme Luckesi (2005, p.81), para ser diagnóstica, “a avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem”. Assim, a Avaliação Diagnóstica consiste em uma investigação realizada pelo docente em relação ao nível de aprendizagem do educando.

Entendemos assim, a avaliação diagnóstica não com a função de classificar o aluno, mas identificar os níveis de desenvolvimento e aprendizagem em que ele se encontra, para que assim, possam ser tomadas decisões satisfatórias quanto às ações didáticas, tendo em vista a construção da aprendizagem.

Portanto, a avaliação diagnóstica contribui significativamente para a melhoria do processo de ensino, pois, conhecer as dificuldades e deficiências do aluno. Constitui-se como etapa importante para o aprimoramento deste processo. Sant’Anna (1995, p.33) salienta a

importância da avaliação diagnóstica para o processo de ensino-aprendizagem ao afirmar que esta “visa determinar a presença ou ausência de habilidades, inclusive buscando detectar pré-requisitos para novas experiências de aprendizagem”.

A consciência das limitações enfrentadas pelo aluno encaminha o professor à busca por estratégias e métodos para saná-las, reorientando e redirecionando a sua própria prática pedagógica e conduzindo ambos, professor e aluno, em direção a novas experiências de aprendizagem.

Durante o processo de ensino-aprendizagem é fundamental a autorreflexão do professor quanto sua prática pedagógica, esta ação é chamada de Avaliação Formativa, que tem como intuito aperfeiçoar as ações didáticas como o objetivo de buscar metodologias que se adéquem as necessidades de aprendizagem dos alunos.

[...] A avaliação formativa pode também ajudar a ação discente, porque oferece ao aluno informações sobre seu progresso na aprendizagem, fazendo-o conhecer seus avanços, bem como suas dificuldades, para poder superá-las. É através da modalidade formativa que a avaliação assume sua dimensão orientadora, fornecendo dados para o replanejamento da prática docente e orientando o estudo contínuo e sistemático do aluno, para que sua aprendizagem possa avançar em direção aos objetivos estabelecidos [...](HAYDT 2011, p. 220)

Ainda conforme Sant’Anna (1995, p.34), ela é chamada de formativa “no sentido que indica como os alunos estão se modificando em direção aos objetivos”. Por isso esse tipo de avaliação fornece informações tanto ao aluno quanto ao professor, em relação aos resultados alcançados durante o desenvolvimento das atividades.

A avaliação formativa conduz professor e aluno a um processo autoavaliativo. É um ato relevante no processo de ensino-aprendizagem, pois, é através de sua prática que ambos têm consciência de seus avanços e dificuldades. A autoavaliação induz o aluno à reflexão sobre o próprio aprendizado, considerando seus avanços e suas dificuldades.

De modo similar, ocorre com o professor, pois imputa sobre ele a responsabilidade de refletir a sua própria prática. Assim sendo, para Haydt (2011) "a autoavaliação conduz educador e educando à consciência dos próprios avanços, limites e necessidades, os conduzindo ao aperfeiçoamento". Portanto a avaliação não deve ser um recurso para marginalizar o professor ou o aluno. Ao contrário, esta fermenta deve auxiliar o educador na escolha de suas dinâmicas de trabalho, contribuindo na sua reflexão e na construção do conhecimento do aluno.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse íterim, constatamos nesse processo que cada modalidade avaliativa desempenha uma função específica apresentando pontos em comuns, no entanto, há uma disparidade no que se refere à avaliação somativa, de acordo com autores já mencionados. Tendo em vista que a mesma é uma modalidade quantitativa e controladora que na maioria das vezes classifica o aluno numericamente.

No caso das avaliações diagnóstica e formativa, podemos inferir que o principal foco é a aprendizagem construída criticamente, identificando as deficiências e dificuldades de aprendizagem dos alunos, e considerando esses fatores para o desenvolvimento da prática docente. Enfim, possibilita tanto ao professor quanto ao aluno, conhecer suas reais condições do processo de ensino, respectivamente.

As avaliações diagnóstica e formativa, no que lhe concerne, não visam classificar o aluno segundo critérios de memorização e aproveitamento, mas compreender as condições de sua aprendizagem e de seu desenvolvimento.

No que tange à avaliação somativa, verificamos um distanciamento desta quanto as demais modalidades avaliativas. Inicialmente por ser um instrumento de classificação, onde o aluno é aprovado ou reprovado de acordo com seu nível de aproveitamento. Sendo o rendimento o único meio de classificação do aluno.

A nota, como mencionado anteriormente, é estática, não determina a qualidade do aprendizado e não conduz a uma melhoria e do processo de aprendizagem.

Por conseguinte, percebemos que quando o educador se propõe a repensar sua didática e a forma como ela atinge o aluno, ele desconstrói o tradicionalismo presente no sistema educacional, rompendo com a ideia de que o professor é o centro do processo de ensino e o aluno é um depósito para o conhecimento. Nessa perspectiva se passa a buscar recursos para a construção de uma aprendizagem crítica e significativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa compreendemos e definimos a avaliação no processo ensino-aprendizagem, as modalidades de avaliação vigentes e as funções que elas desenvolvem no processo educacional. Assim a avaliação é uma ferramenta que não deve ser usada como meio à classificação de educandos, pelo contrário, esta deve auxiliar o docente ao longo do

percurso escolar diante a escolha de suas metodologias, visto as necessidades de seus alunos, identificadas por meio desta.

Salienta-se que a avaliação é uma ferramenta de suma importância para o processo de ensino-aprendizagem, mas há ainda muito a se pensar e discutir sobre este instrumento, e seu real papel neste processo. É preciso, acima de tudo, compreender a avaliação como uma prática constante e não como um objeto estático de verificação, medição do conhecimento e do aproveitamento do aluno. Compreender o caráter múltiplo e dinâmico da prática avaliativa fará do ensino um processo mais justo, dinâmico, eficaz, democrático e essencialmente, de transformação da prática educativa.

Enfim, propõe-se uma autoavaliação do professor quanto suas práticas, percebendo este processo como fundamental no exercício da docência. Toda via, cabe ressaltar que às três modalidades avaliativas aqui apresentadas podem e devem caminhar juntas, permitindo ao educador quantificar, mas também perceber as dificuldades de seus alunos e a partir disto, formar-se em busca de metodologias que contribuam para a relação professor-aluno.

## REFERÊNCIAS

CRUZ, K. C. M. **Funções da Avaliação Escolar**. Disponível em: < [https://www.pedagogia.com.br/artigos/funcoes\\_avaliacao/?pagina=0](https://www.pedagogia.com.br/artigos/funcoes_avaliacao/?pagina=0) > Acesso em: 12 de ago. de 2019.

HAYDT, R. C.C. **Curso de Didática Geral**. Ed. - São Paulo: Ática, 2011.

KENSKI, V. M. Repensando a avaliação da aprendizagem. In: VEIGA, I. P. (org). **Repensando a didática**. 23. Ed. Campinas. SP: Papyrus, 2006.

KUBOL, O. M. BATOMÉ, S. P. **Ensino-Aprendizagem: Uma Interação Entre Dois Processos Comportamentais**. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3321> > Acesso em: 13 de ago. de 2019

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1998.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1998.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PILETTI, C. **Didática Geral**. São Paulo: Atira, 1985.

SANT'ANNA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VEIGA, I. P. A. **Didática: Uma Retrospectiva Histórica**. IN: VEIGA, I. P.A. Repensando a Didática. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2004.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1971.

